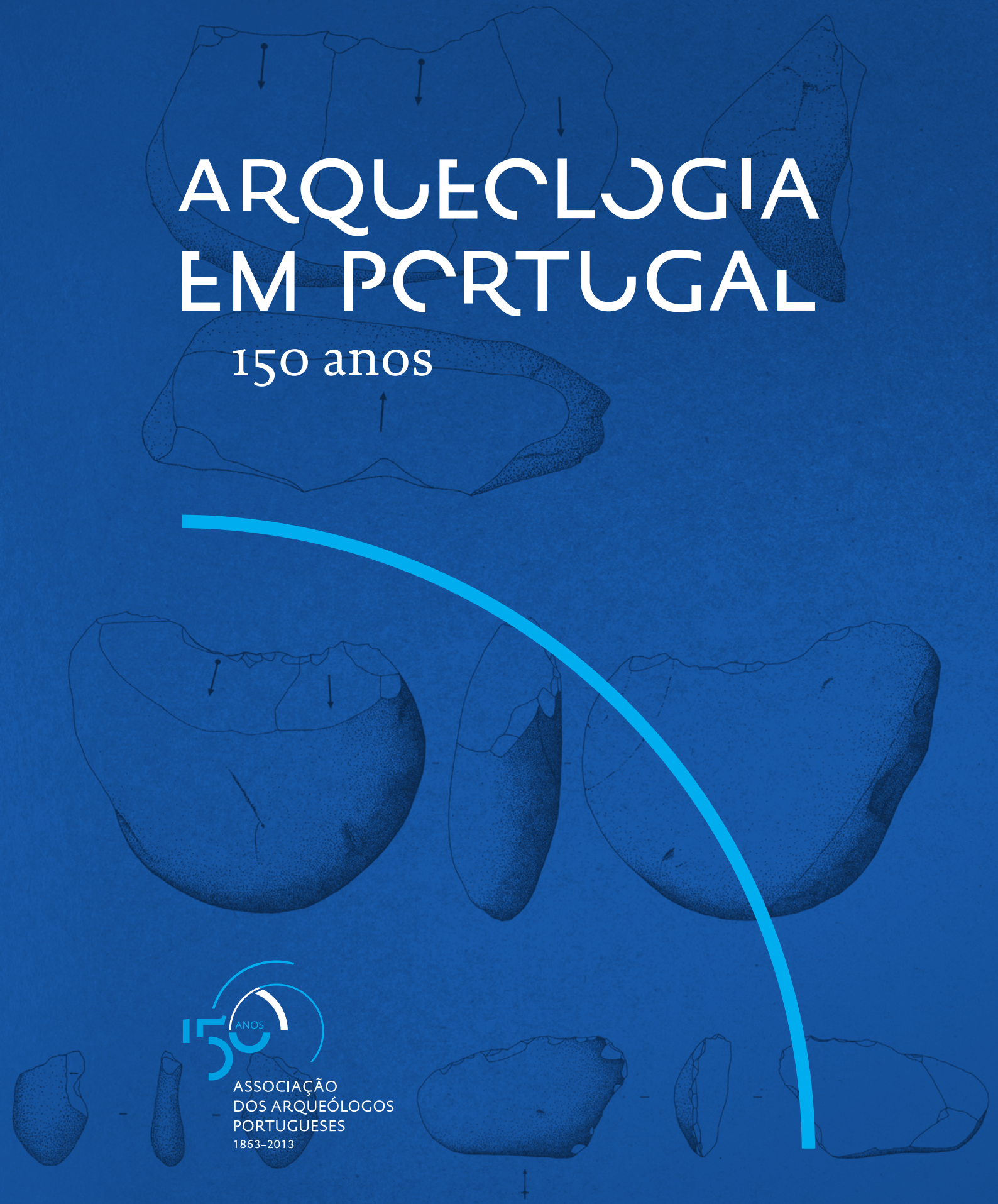
ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



150 ANOS

ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial

FUNDAÇÃO Millennium bcp

Apoio institucional

BNP BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

GOVERNO DE PORTUGAL

Parques de Sintra Monte da Lua

ABRIGO IGREJA DOS MOUROS – ESPERANÇA – ARRONCHES, NO CONTEXTO DA ARTE ESQUEMÁTICA DA SERRA DE S. MAMEDE

Jorge de Oliveira / CHAIA; Univ. de Évora / joli@uevora.pt
Clara Oliveira / CHAIA / clara_oliveira@hotmail.com

RESUMO

Nesta comunicação apresentamos os resultados dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Abrigo da Igreja dos Mouros e a sua relação com a informação já disponível sobre arte esquemática da Serra de S. Mamede. Divulgam-se, igualmente, as datas de radiocarbono obtidas nos abrigos pintados desta região.

ABSTRACT

In this communication we present the results of the archaeological work carried out in the "Abrigo da Igreja dos Mouros" and its relation with the information already available about schematic art of Serra de S. Mamede. Discloses also the radiocarbon dates obtained to those painted shelters of this region.

ANTECEDENTES

Queremos apresentar nesta comunicação os resultados dos trabalhos arqueológicos que durante o Verão de 2012 desenvolvemos na Igreja dos Mouros, abrigo com arte rupestre esquemática, situado no extremo Sudeste da Serra de S. Mamede, freguesia da Esperança, concelho de Portalegre (cns1621).

Este abrigo foi divulgado pela primeira vez em 1960, por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio de Veiga Ferreira, (Castro & Ferreira, 1960-61, p. 203) que no seu interior identificaram arte esquemática pintada.

A Igreja dos Mouros insere-se num amplo complexo de abrigos com arte que se abrem nas mais expressivas cristas quartzíticas da Serra de S. Mamede, dos dois lados da fronteira. Conhecem-se hoje nesta região da fronteira mais de uma vintena de sítios com estas características.

No âmbito do Projecto Ara foi possível até ao momento identificar mais doze locais com arte rupestre na Serra de S. Mamede, a somar aos quatro abrigos conhecidos até 1999 (Gaivões, Louções, Igreja dos Mouros e Pinho Monteiro) (Breuil,1917, p. 17; Ferreira, 1962, p. 1; Gomes,1989, p. 6; Hernandez--Pacheco, 1918, p. 65; Pestana, 1984, p. 66; Pinto, 1932, p. 245; Vasconcelos, 1920, p. 56). De entre os novos sítios identificados haverá que destacar: o do Pego do Inferno, Louções 2, Pedra Torta e Cerro das Lapas no concelho de Arronches; Srª. da Lapa e Srª. da Penha no concelho de Portalegre; Laparona e Castillo de Maiorga, nas imediações da Codoceira em território espanhol, aos quais haverá que juntar os interessantíssimos abrigos de Valencia de Alcântara identificados por Juan Carlos Jimenez e que, em colaboração, recentemente divulgámos.

Para além das prospecções realizadas e que possibilitaram importantes resultados promovemos o levantamento sistemático da arte pintada dos abrigos já conhecidos e dos entretanto descobertos e procedemos a escavações sectoriais na Gruta da Ermida da Srª. da Lapa, por entre as estruturas situadas em frente ao abrigo dos Gaivões e no Abrigo Pinho Monteiro, cujos os resultados já divulgámos anteriormente.

INVESTIGAÇÕES NO ABRIGO DA IGREJA DOS MOUROS

No curto espaço que dispomos para esta comunicação importa-nos divulgar, resumidamente, os resul-

tados das escavações e levantamentos efectuados neste abrigo e que decorreram no Verão de 2012.

Para se aceder à Igreja dos Mouros haverá que atravessar a nova vinha do Monte do Vale do Junco até à íngreme encosta, intervalada por socalques rasgados nos últimos anos, durante a regularização do solo para instalação da vinha. No decurso desses trabalhos foi também destruída uma formação quartzítica que definia um espaço interior, localmente designada por "Pedras do Bezerrinhos". Temos a informação de que nesse local terão aparecido dois "bezerrinhos em ouro", ossos humanos e um machado de pedra polida. Do afloramento hoje já nada subsiste.

O Abrigo da Igreja dos Mouros apresenta a entrada virada a Sudeste (135º) e em frente da porta desenvolve-se um longo e ancestral socalque, provavelmente estruturado. Na formação quartzítica abre-se este abrigo que possui uma profundidade de 6 metros e uma largura máxima de 2,5 metros. A altura máxima ronda os 3 metros. Junto à entrada, do lado esquerdo, um velho zambujo teima em sobreviver por entre alguns blocos de quartzito aí acumulados resultantes do desmoronamento dum muro que em data imprecisa aí foi montado. Este muro de pedra seca destinava-se a limitar a entrada e a proteger quem quer que aí se acolhesse.

O Abrigo da Igreja dos Mouros possui as seguintes coordenadas: 39º9'38''N; 7º10'18''O e uma altitude de 399 metros, abrindo-se na encosta sul da Serra dos Louções. Alguns metros mais acima, encontra-se o Abrigo 1 dos Louções e no topo da linha de cumeada o povoado pré e proto-histórico com o mesmo nome.

Foi nosso objectivo proceder à abertura de duas pequenas sondagens no interior do abrigo e outra na plataforma em frente, na tentativa de obter elementos que nos ajudassem a compreender a sequência ocupacional do espaço e eventualmente a relacionar a arte pintada e esculpida com os contextos de ocupação preservados no solo. A diminuta área a intervencionar justificou-se, por um lado, com os limitados apoios obtidos, exclusivamente provenientes do Município de Arronches, a quem manifestamos os nossos agradecimentos, e sobretudo, para preservarmos uma reserva arqueológica para futuras investigações, atendendo ao diminuto espaço e potência arqueológica existentes.

Os trabalhos iniciaram-se com o corte e limpeza da vegetação que pontualmente se localizava em frente à gruta. Concluída esta tarefa procedeu-se à elaboração da planta e corte do abrigo e à montagem de uma rede de quadrículas que se organizaram em função de um eixo que secciona longitudinalmente o espaço coberto e que forma um ângulo de 120º em relação ao Norte magnético. Estabeleceu-se, assim uma rede de quadrículas de 1x1 metros e cotou-se todo o espaço, estabelecendo-se como ponto de cota 100,00 metros um ponto na rocha, devidamente assinalado, junto da denominada pedra de altar, como se pode ver pela planta em anexo.

Concluída a marcação do terreno seleccionaram-se as duas sondagens a abrir no interior. Estas sondagens foram determinadas, quer pela previsível potência e compactação do solo, quer pela proximidade aos painéis pintados existentes nas paredes do abrigo. A sondagem do exterior do abrigo foi determinada pela presença de alguns blocos de pedra que levemente emergiam da terra e que pareciam ter alguma organização. Assim, procedeu-se à abertura de parte do quadrado (1X1 metro) denominado E3, no recanto mais interior do abrigo, à esquerda da denominada pedra de altar ou mesa de altar, próximo da única pintura a branco. A segunda sondagem abarcou parte do quadrado E5 e D6 e a totalidade do quadrado E6. No exterior abriu-se apenas o quadrado D9.

QUADRADO E3

A opção pela escavação do espaço correspondente a E3 justificou-se por ser a zona que garantiria alguma potência de solo, o que se veio a confirmar, e por se situar próxima da denominada mesa de altar e da pintura a branco. Esta área, ainda que muito reduzida, evidenciou uma potência de solo que chegou aos 35cm na zona mais profunda. Foi possível reconhecer três níveis em sobreposição. O primeiro, com cerca de 15cm, apresentava uma terra mais solta, de cor castanho claro, onde ocorreram filtros de cigarros, um fragmento de vidro de garrafa recente e matéria vegetal não decomposta. Sob esta camada de terra entrou-se noutra mais compacta de cor mais clara onde apenas ocorreram dois fragmentos de quartzito sem vestígios de trabalho humano. Ultrapassado este segundo nível de potência muito irregular, que atingiu junto à parede da gruta cerca de 15cms, entrou-se numa última unidade, ainda mais compacta, de terra avermelhada, onde se identificaram pequenas porções de carvão, que foram recolhidas e submetidas a datação pequenas concentrações de pasta de cor laranja, idêntica às das pinturas pa-

rietais e também de cor branca, provavelmente da mesma matéria que serviu para a pintura a branco que se situa sobre a mesa de altar.

QUADRADOS E5, E6 E D6

Estes quadrados conformam a sondagem aberta junto à entrada da gruta que estrategicamente procuram compreender a face interior duma estrutura de pedra seca que se registava logo à superfície e que parecia estrangular a entrada da gruta, gerando maior protecção a quem nela se resguardasse. A potência estratigráfica desta sondagem reduzia-se drasticamente para Norte devido à presença da rocha de base. Para o lado oposto, junto à parede da gruta onde se identificam os principais painéis pintados a potência estratigráfica ultrapassa os 60cms. É junto à parede da gruta, na face interior do tronco do velho zambujo, logo à entrada, que se reconhece a presença duma lareira estruturada, com claros sinais de contínua utilização e que, tudo indica, ainda muito recentemente terá aquecido algum pastor, ou caçador. Os sinais dos fogos que aí terão sido acesos estão bem presentes no negro de fumo existente na parede da gruta e nos termoclastos ainda *in situ*. Por entre os blocos de quartzito com sinais de fogo ocorrem abundantes carvões e cinzas que, não foram recolhidos, nem desmontados durante os trabalhos efectuados.

Nesta sondagem, para além do nível de lareira superficial, anteriormente descrito, identificámos ao seu redor uma camada de terra solta, de cor castanha clara, com presença de alguma manta morta e fragmentos de quartzito de pequena dimensão. Este nível não ultrapassa, ainda que de forma irregular, os 12cms. Sob este nível entra-se uma camada compacta de terra castanha ainda mais clara, com presença de alguns blocos de quartzito de maior dimensão, aparentemente resultantes de vários derrubes do muro que secciona a entrada da gruta. Nesta unidade, a cerca de 16cms da superfície, na face interior do muro, identificou-se um elemento de mó (movente) em granito e por entre as raízes do zambujo duas pontas de seta em xisto de base côncava. Nesta unidade, à mesma cota das pontas de seta, registaram-se dois fragmentos de prato de bordo espessado e alguns fragmentos de recipientes cerâmicos de forma esférica. Este nível manteve-se até atingir uma profundidade máxima de 35cms, entrando-se, então, noutra camada de terra muito compacta de cor alaranjada que de uma forma irregular revestia a rocha, atingindo uma espessura máxima entre os 10 e os 15cms. Nesta última unidade não se registou qualquer artefacto.

QUADRADO D9

A sondagem que configura o quadrado D9 foi marcada na plataforma que, no exterior da gruta, se estende para nascente. Aí percebia-se pelo aflorar de alguns blocos de quartzito que uma qualquer estrutura estaria aí aterrada. Face ao reduzido orçamento disponível optámos por abrir apenas um quadrado de 1x1 metros que poderia coincidir com a face interior desse provável muro. Logo que se iniciou a decapagem apercebemo-nos que, de facto, aí existia uma estrutura de pedra seca que parecia definir um arco de círculo, fechando para o lado do abrigo.

Nesta sondagem foi possível reconhecer três unidades estratigráficas. A camada superficial de terra que envolvia o topo da estrutura apresentava uma textura muito solta composta por terras claras e abundante matéria orgânica da manta morta existente. Sob esta camada, na face interna do muro, que corresponde à unidade 2, reconheceu-se um nível compacto de terra castanha onde eram visíveis várias pedras resultantes de derrubes do muro e sob os quais se recolheram alguns carvões que foram submetidos a datação. À cota de 98,53m identificou-se um "estilete" de xisto polido, na face interior do muro. Esta pequena peça, apresenta sinais de fractura numa das extremidades e na outra, sinais de uso por fricção.

A ARTE NA IGREJA DOS MOUROS

Provavelmente por ser a mais vertical e com superfícies mais regulares a parede sul do abrigo foi a eleita para conter a quase totalidade das expressões gráficas. Aqui ocorrem as pinturas esquemáticas de cor laranja e a única escultura até hoje reconhecida nesta região. Para além da arte expressa nesta parede, identificámos a única pintura a branco conhecida no extremo Sul da Serra de S. Mamede plasmada numa estreita mas simbolicamente posicionada superfície que se sobrepõe à denominada pedra de altar na zona mais reservada do abrigo. Esta interessante pintura resulta duma técnica muita rara, em que o "artista" aplica, inicialmente uma irregular mancha de cor branca e, algum tempo depois, já em fase de secagem, provavelmente com a unha, reti-

ra a tinta deixando em negativo nove riscos paralelos. Imediatamente abaixo desta pintura notam-se manchas brancas mais diluídas que parece terem resultado da limpeza do dedo de quem aqui pintou esta interessante e enigmática mensagem. Na parede sul são visíveis, pelo menos, três painéis com motivos antropomórficos e ramiformes, comuns tanto em cor como em estilo à gramática figurativa da arte esquemática desta região. Mas é entre estes painéis, que a partir duma fractura natural da rocha foi esculpida uma figura que, pelas dimensões e posicionamento, parece representar uma cabeça e ombros humanos. Esta figura antromórfica ao enquadrar-se nos painéis pintados parece ser contemporânea da restante arte conhecida no interior deste espaço. A enigmática pintura a branco sobrepõe-se a um bloco de quartzito que aparentemente se desprendeu, naturalmente, da inclinada parede poente. A sua forma tendencialmente paralelepipédica e a posição estratégica em que se posicionou deu-lhe um destaque especial que lhe mereceu popularmente o nome de "pedra de altar". A pintura a branco, anteriormente descrita, desenha-se na superfície donde se destacou a denominada "pedra de altar". É pois, assim, o posicionamento da pedra de altar anterior à pintura e a sua posição estratégica não deverá ter passado despercebida aos que na Pré-História recente pintaram nesta gruta e sobretudo utilizaram a cor branca para registar uma mensagem num espaço aparentemente de maior valor simbólico, o fundo da gruta sobre a regular laje do altar.

AS DATAÇÕES

No decurso dos trabalhos desenvolvidos neste abrigo foi possível recolher várias amostras de carvões das quais duas foram submetidas a datação. Carvões recolhidos no quadrado E3, situado junto à "pedra de altar" e sob um dos painéis pintados, associados a pequenas concentrações de pasta de cor alaranjada e também branca, semelhantes às cores utilizadas nas pinturas parietais forneceram a seguinte idade: Beta – 336388: 4320 +/- 30BP, que calibrada a 2 sigmas resulta na data: Cal BC 3080 a 3060. Esta data parece estar em linha, quer com os materiais atribuídos aos inícios do calcolítico identificados nos quadrados E5, E6 e D6, quer com as cronologias normalmente consideradas nesta região para a arte esquemática. A outra amostra de carvões submetidos a datação foi recolhida na sondagem aberta em frente do abrigo (D9), no interior do que parece ser uma estrutura em arco de círculo. Esta amostra forneceu a seguinte idade: Beta – 336387: 920 +/- 30 BP, que calibrada a 2 sigmas resulta numa data no intervalo de: Cal AD 1020 a 1160. Esta data medieval encontra paralelo com a obtida para o nível superficial de carvões recolhidos no interior do Abrigo Pinho Monteiro que resultou na seguinte idade: Beta – 296435: 920 +/- 40 BP, que calibrada a 2 sigmas resulta numa data no intervalo de: Cal AD 1010 a 1170. Esta interessantíssima concordância de datas para abrigos afastados entre si cerca de 4 kms é ainda mais relevante quando verificamos que a denominada Reconquista Cristã desta zona do Alentejo, pelos homens de Afonso Henriques, terá ocorrido entre 1160 e 1170. Parece assim que a instabilidade que as manobras militares de cristãos e muçulmanos provocavam, especialmente nos núcleos urbanos, levaram alguns a procurar refúgio entre os abrigos naturais existentes na zona, ocupando espaços que milhares de anos antes outros também procuraram. Se para as datas históricas temos concordância entre os dois abrigos por nós escavados, já para épocas mais recuadas tal não se verifica. Observámos que na Igreja do Mouros a data pré-histórica obtida está em concordância com a idade e horizonte culturais atribuídos à Arte Esquemática e aos materiais exumados neste abrigo; contudo afasta-se em muitos milénios, das datas e igualmente dos conjuntos artefactuais identificados no Abrigo Pinho Monteiro, a escassos 4 kms de distância. No Abrigo Pinho Monteiro duas amostras recolhidas e já anteriormente por nós divulgadas, remetem-nos para duas ocupações distintas, uma conotada com momentos dos finais do Paleolítico: Beta 296433: 9640 +/-50BP, que calibrada a 2 sigmas resulta em: Cal BC 9250 a 9100 e outra mesolítica: Beta 296434: 8390 +/- 40BP, que calibrada a 2 sigmas resulta em: Cal BC 7570 a 7460. Parece, assim, que no Abrigo Pinho Monteiro, desde, pelo menos, os finais da última glaciação o homem acendeu aqui fogueiras e, já no Mesolítico, voltou a ocupar o lugar voltando a fazer lume e onde talhou sílex e quartzos junto à entrada do abrigo. Mais tarde, já pelos finais do Neolítico e durante o Calcolítico, ou mesmo já a entrar na Idade do Bronze, o abrigo Pinho Monteiro voltou a ser ocupado e alguns dos seus utentes para além de erguerem um muro à entrada do abrigo, conforme interpretação de Mário Varela Gomes (1989, p. 6) pintaram profusamente o tecto mantendo a temática esquemática e cores que variam entre o vermelho e o laranja.

Equipa e apoios:
Direcção: Jorge de Oliveira e Clara Oliveira
Catarina Soares, Ana Leonor Cavaco, Eliana Coelho, Ruben Barbosa, Patrícia Flores Vitorino Gonçalves e Rita Tores

Apoios:
Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora, Câmara Municipal de Arronches, Associação Terra Imponente, Junta de Freguesia da Esperança e Laboratório Hércules.

BIBLIOGRAFIA

BREUIL, Henri (1917), La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, prés de Arronches (Portalegre), *Terra Portuguesa*, Lisboa, 13-14, Fev.-Março , pp 17-26.

CASTRO, Luís de Albuquerque e; FERREIRA, Octávio da Veiga (1960-61), As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Loções, *Conímbriga,* vol.II-III, 1960-61, pp. 203-229.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1962), Pinturas Rupestres em Portugal, *Revista Engenho*, nº17/1-4, Janeiro-Março, Lisboa, 1962, pp. 1-14.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1965), Recordação de uma viagem do Padre Henri Breuil ao abrigo de Vale de Junco (Esperança), *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, série III, nº 9, Lisboa, 5p.

GOMES, Mário Varela (1989), Arte Rupestre e contexto Arqueológico, *Almansor Revista de Cultura,* nº 7, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

HERNÁNDEZ-PACHECO, Eduardo (1918), Estudios de arte prehistórico, *Notas da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*, Madrid.

OLIVEIRA, Jorge de (2003), A arte rupestre no contexto megalítico Norte-Alentejano, *Sinais de Pedra*, Fundação Eugénio de Almeida, Ed. Electrónica.

PESTANA, Manuel Inácio (1984), Arte Rupestre, do conjunto pictórico dos Loções ao da Serra do Cavaleiro, agora descoberto, *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, nº3, Março.

PINTO, Rui de Serpa (1932), O abrigo pré-histórico de Valdejunco (Esperança), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia,* nº5/3, Porto, pp245-246.

VASCONCELLOS, José de Leite de (1920), Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. Pe H.Breuil, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série 1, nº24, pp. 56-57.

Figura 1 – Vista geral do Abrigo da Igreja dos Mouros.

Figura 2 – Aspecto da escavação no interior do Abrigo da Igreja dos Mouros.

Figura 3 – Identificação de movente em granito no Abrigo da Igreja dos Mouros.

Figura 4 – Escultura antropomórfica no Abrigo da Igreja dos Mouros.

Figura 5 – Pintura a branco no Abrigo da Igreja dos Mouros.

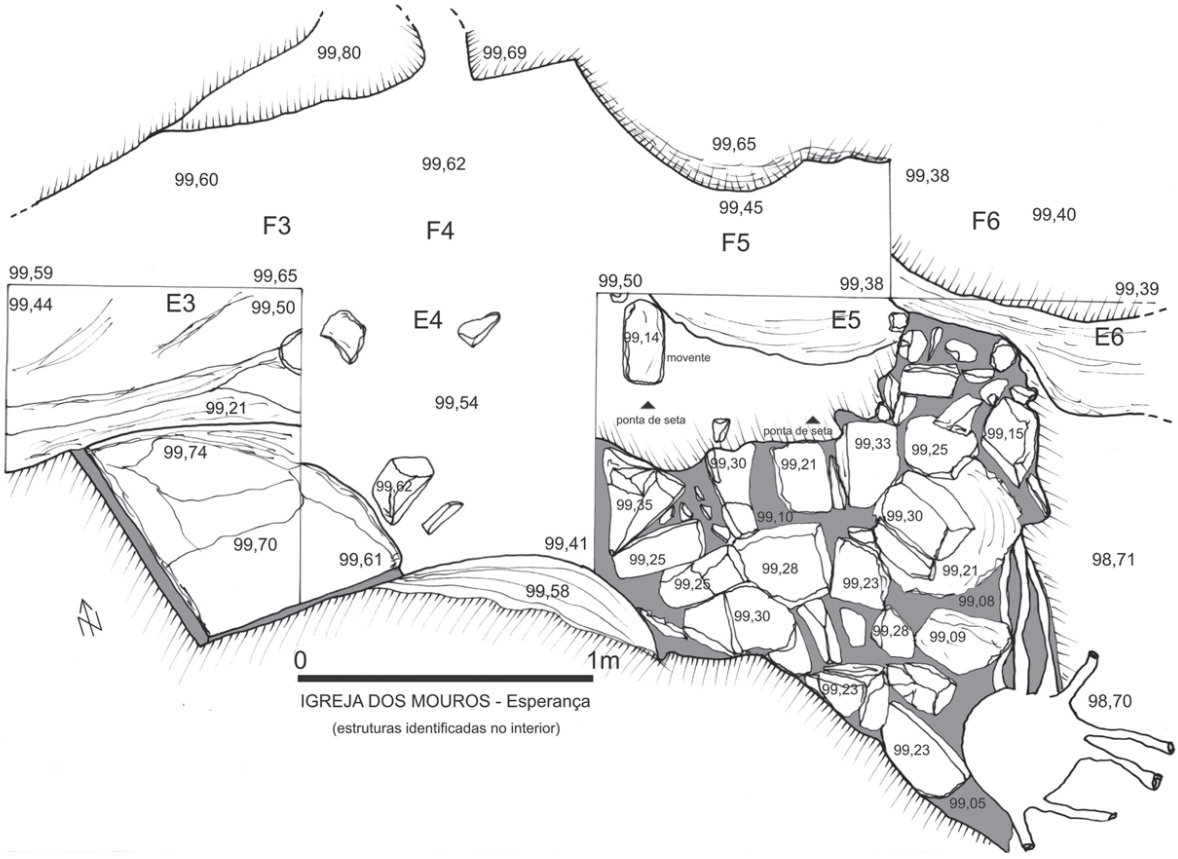


Figura 6 – Planta das estruturas identificadas no interior da Igreja dos Mouros.

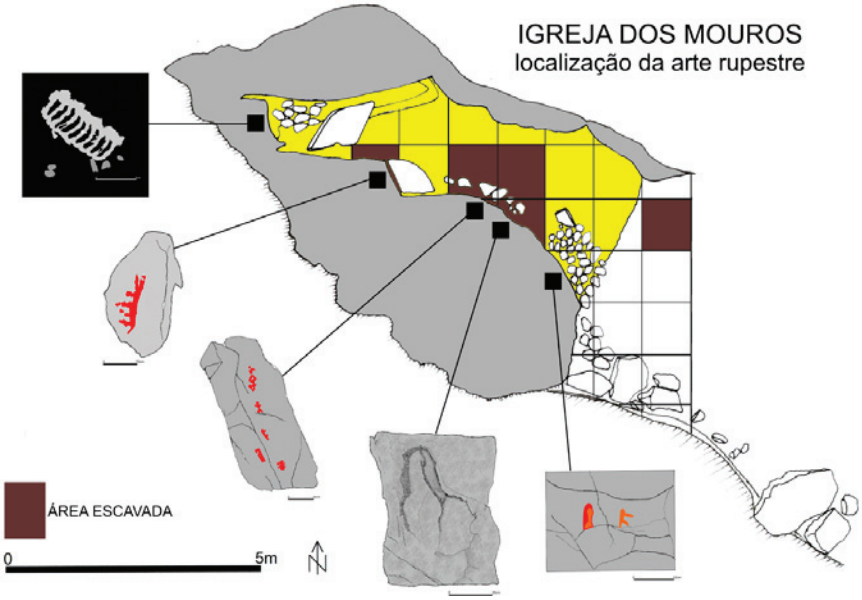


Figura 7 – Planta geral da Igreja dos Mouros com identificação da arte e área escavada.

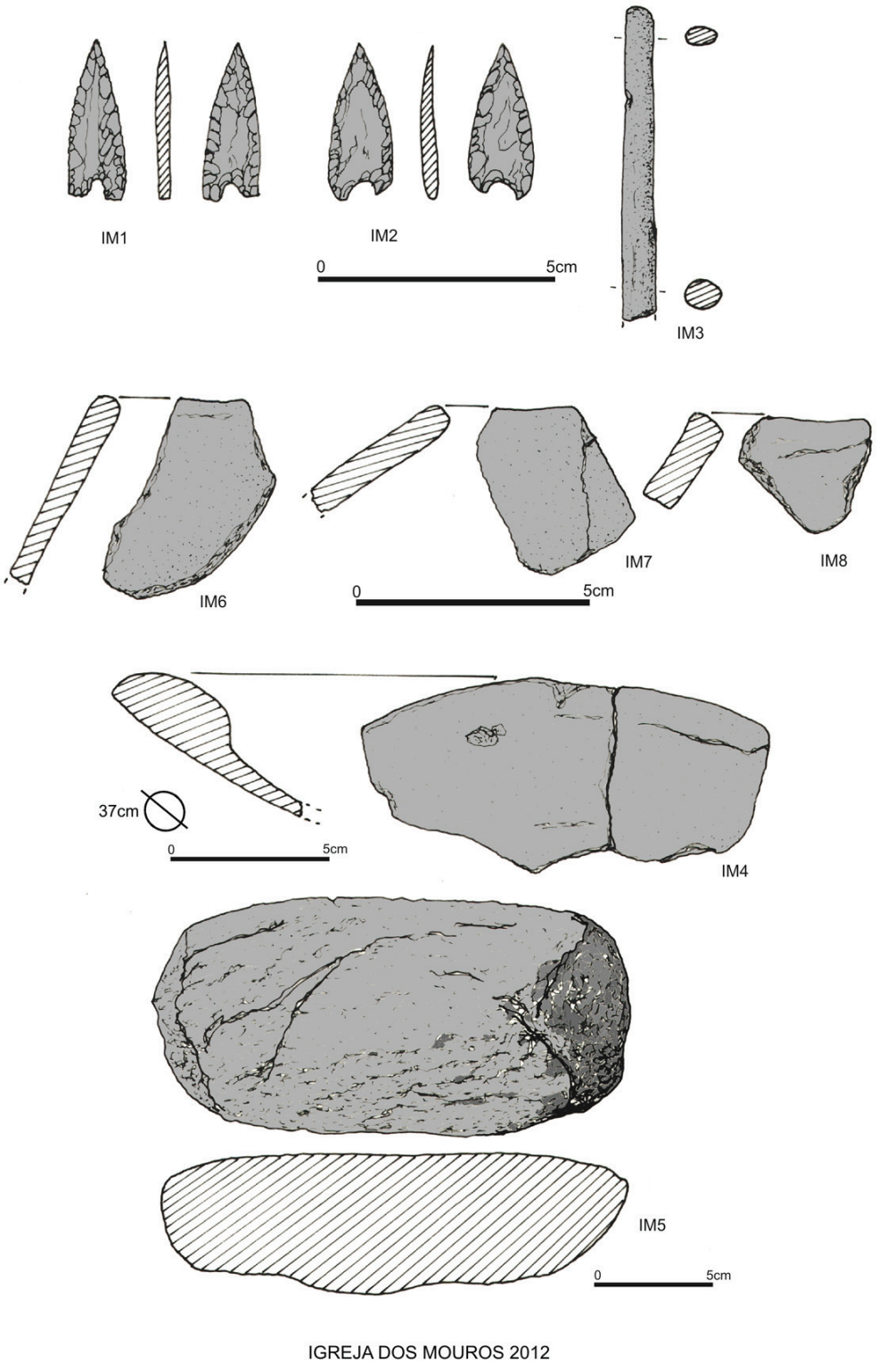


Figura 8 – Materiais recolhidos no interior da Igreja dos Mouros.

ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

FUNDAÇÃO Millennium bcp

Apoio institucional

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

GOVERNO DE PORTUGAL

Parques de Sintra
Monte da Lua